



OS FESTEJOS JUNINOS DO BAIRRO CODÓ: CULTURA E TRADIÇÕES

Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 9 | Nº. 16 | Jan./Jun. de 2017

RESUMO

O artigo apresenta reflexões sobre a memória e cultura no bairro Codó, município de Dom Expedito Lopes-PI como espaço de construção da cultura local. A partir de festejos juninos percebemos a religiosidade nas homenagens a São João Batista e a relação entre a economia, política, turismo e cultura popular. Metodologicamente de caráter qualitativo o trabalho explora indivíduos e a memória de sertanejos no semiárido nordestino.

Palavras-chave: Cultura popular. Festividades. Memória. Codó.

Edilauso Moisés Pereira Filho

*Graduando em Pedagogia pela
Universidade Estadual do Piauí -
UESPI*

edilausopereira.22@gmail.com

Iasmim Teresa Santos Lima Lavor

*Graduanda em Pedagogia pela
Universidade Estadual do Piauí -
UESPI*

iasmimteresa@hotmail.com

Adauto Neto Fonseca Duque

*Professor Assistente da
Universidade Estadual do Piauí -
UESPI*

duqueadauto@yahoo.com.br

ABSTRACT

The article presents reflections on memory and culture as construction scope of local culture in Codó district, county of Dom Expedito Lopes-PI. From June festivities, the religiousness in tribute to St. John the Baptist and the relationship between the economy, politics, tourism and popular culture became apparent. This work explore qualitatively individuals and several country person's memory in the northeastern semi-arid.

Keywords: Popular Culture. festivities. Memory. Codó.

As festas populares comemoradas no mês de junho, relativo ao São João Batista no bairro Codó em Dom Expedito Lopes-PI, ganham novas feições na contemporaneidade. Muitas mudanças ocorrem no transcorrer dessas festividades populares no aspecto econômico, social, cultural e educacional numa sociedade que cada vez mais se pauta no avanço e proliferação dos aparatos tecnológicos. Podemos assim observar nesse espaço as concepções sistemáticas dos festejos juninos no contexto de uma sociedade integrada a partir de seus aspectos religiosos, políticos, econômicos e a cultura geral numa determinada região do semiárido piauiense.

A cultura local, entendida pela complexidade de relações humanas, está enraizada e vem sendo repassada a cada geração, promovendo a própria reinvenção, resistência e revitalização do povo. No contexto do semiárido piauiense as festas juninas demarcam espaço de resistência ao tempo em que também são percebidas como momento de diversão e agradecimentos aos santos de devoção popular. Na visão de Cavalcanti (1998), as festas populares atraem, encantam e integram participantes e admiradores, envolvendo ricos e pobres, brancos, mulatos, caboclos, pretos, distintas origens étnicas. Não resolvem conflitos e nem desigualdades sociais, mas expressam uma coletividade que extrapola as diferenças.

Na região de Dom Expedito Lopes as festividades revitalizam o espírito cristão da população local. E também são momentos de reforçar laços de sociabilidade e solidariedade, pois os parentes que moram fora do município são convidados e recebidos com a hospitalidade merecida pelos visitantes. Estes são recebidos com festa, comida e por consequência também a bebida faz parte desse ritual de encontrar-se e comemorar. Ainda hoje muitos antigos moradores criticam essa mistura que pode promover a integração, mas também promove certa violência. No entanto, de acordo com estudos de dinâmica religiosa ou profana o ato de fazer – no caso é feita comida para muitos visitantes – está contido elementos e rituais que demarcam espaços de tempos imemoriais:

Não existe festa e liturgia sem alimentos e bebidas, o corpo precisa desses elementos para se fortalecer para a longa jornada que é o viver, um corpo sem alimento se fragiliza, o fraco no primeiro obstáculo fenece, desiste, por falta de forças, o ato de comer e beber fortalece os laços de união do grupo, tanto familiar como comunitário. A comida é a base do sustento da vida biológica, por isso a sua preparação é sagrada, quem prepara a comida interage com ela, transmitindo seus sentimentos e energia, daí antigas culturas (o que infelizmente foi perdida na cultura atual) adotarem regras de pureza para quem preparava os alimentos,

conhecimento ainda hoje preservado no Candomblé (ALVES e JUNQUEIRA, 2009).

Por essas questões não entendemos aqui um estudo de caso sobre um bairro, mas a configuração de que num determinado território demarcado pela transição entre rural e urbano estão contidos os mecanismos de existência e relações complexas entre sujeitos e sua história.

Também é possível fazer a leitura da apresentação do tema como um suporte necessário e contribuição à história local e regional, barrando a ideia de história “menor”. Baseamos nosso entendimento no rompimento de preconceitos que ainda cercam a produção sobre os lugares considerados sem destaque.

DOM EXPEDITO LOPES-PIAUI

Dom Expedito Lopes é uma cidade do Estado do Piauí e localizada na microrregião do Sudeste piauiense. Tem 6.529 habitantes e 219,072 km. Na região o município é conhecido pela excelente produção de castanha de caju, sendo o produto exportado para outros estados e para o exterior.

A cidade de Dom Expedito Lopes primeiramente era denominada “Fazenda Cabeço”. Denominação recebida por conta dos morros da região formar a imagem de uma “cabeça humana”. Essa formação natural está situada num local denominado “Saco dos Bois”, distante da sede aproximadamente 1 km. Teve como fundadores um grupo de retirantes provenientes do sertão nordestino especificamente do Iguatu, Estado do Ceará. Está migração se deu por conta da grande seca de 1877 durante a qual milhares de sertanejos buscaram em Fortaleza o alento para suas mazelas, enquanto um número significativo preferiu migrar para províncias vizinhas. Ao Piauí os migrantes chegaram trazendo o pouco gado que havia sobrevivido. De acordo com Ana Miranda:

Fortaleza teve sua população aumentada de umas vinte mil para mais de cem mil almas. Sertanejos chegavam acreditando que o governo lhes daria passagens e provisões para migrarem a outras províncias, como a do Amazonas, a migração era vista por muitos como a melhor saída para o problema da seca. A salvação era sair do Ceará (Jornal O Povo).

Os traços dessa migração estão presentes no cotidiano da população e sua identificação com a memória dos primeiros moradores contrasta com a permanente busca por afirmar uma identidade baseada em costumes locais. O passado migrante não

é negado, mas de certa forma superado pelas novas gerações que construíram o município. De acordo com Alistair Thomson (2002) em estudo sobre migrações, defende essa dinâmica de romper com origens como necessária para que não haja:

(...) o risco de se enxergar essas comunidades somente em termos de suas origens migrantes, especialmente onde elas podem ter raízes históricas profundas provindas de uma continuidade de residência e podem sustentar elementos de diferença cultural muitas gerações depois do período inicial de migração. Na experiência dos membros de uma comunidade étnica particular, a história da migração pode ser menos importante do que as questões atuais dessa comunidade e no que se refere ao seu relacionamento com a cultura dominante. Inversamente, a noção de “etnicidade” pode não ser atrativa ou adequada para alguns migrantes que optam por não se identificarem em termos de etnicidade ou local de origem.

Nesse contexto nasce município que foi elevado à categoria de cidade pela lei nº 2.513 de 02 de dezembro de 1963, tendo sido instalada oficialmente no dia 05 de abril de 1964 com o nome de Dom Expedito Lopes. Homenagem feita ao primeiro Bispo de Oeiras e em comemoração pela sua visita pastoral ao povoado Cabeço. Na ocasião o bispo edificou um grande cruzeiro numa colina rochosa, na zona urbana do povoado. O local ainda hoje recebe religiosos em procissões.

A cidade, também chamada por seus moradores de D.E.L, é formada pelos bairros denominados Centro, Codó, Baixa Grande, Novo Cajueiro, Baixas do Varandado, Saco do Agreste, Buriti Grande e Gaturiano. É uma bela cidade, de clima agradável e povo pacato. Terra de pessoas gentis e onde se busca sempre formar bons cidadãos através da educação, da cultura e do esporte.

A harmonia social do município a cada ciclo de quatro anos é rompida, pois uma de suas maiores características é a rivalidade política. E, assim, no período das eleições municipais a população se divide entre “Rabo Fino” e “Boca Preta”. Nas eleições de 2008 um Jornal do Estado chega a fazer a seguinte análise da conjuntura política:

Em Dom Expedito Lopes (a 270 quilômetros de Teresina) a sucessão municipal é disputada pela família Dantas que se divide em duas facções: os "boca preta" e os "rabo fino". Os "boca preta" são liderados pelo ex-prefeito Agenor e os "rabo fino" pelo atual prefeito Benedito Dantas, sobrinho de Agenor. O ex-prefeito diz que é candidato e não perde para o sobrinho. Já Benedito também diz que não tem como perder para o tio. A confusão está formada (180graus.com).

É importante notar que se trata da mesma família e ainda assim as disputas são acirradas pelo poder local.

ORIGEM E ATUALIDADES

O bairro Codó fica localizado a 2 km do centro da cidade de Dom Expedito Lopes. Até o ano de 1951 era chamado de Salvador, mesmo nome do proprietário daquelas terras. Depois um dos moradores, conhecido como Antoninho Diulino, rebatizou por Codó, nome consagrado até hoje. A memória local dá conta que os primeiros habitantes foram: João Boeiro, Pinheiro, Miguel Sátiro, Antoninho Diulino, Zé de Bela, Pedro Barbosa, Manoel de Moura Lima, Joaquim Sátiro (todos nascidos município). Também é possível identificar o nome de Avelino Boeiro que era retirante do Ceará durante a seca de 1877.

A formação de um bairro tem caracterizações e interesses particulares. E no interior do semiárido brasileiro essa dinâmica está ligada, por exemplo, a busca por um pedaço de chão com clima ameno ou em torno d uma fonte de água. Recorremos a Néstor Canclini (1997) para pensar o Codó nas estruturas de formação contemporâneas, mas nunca isoladas daquelas que acontecem em grandes centros urbanos, seja no Brasil ou na América Latina:

Os estudos sobre a formação de bairros populares em Buenos Aires, na primeira metade do século, registraram que as estruturas microssociais da urbanidade - o clube, o café, a associação de vizinhos, a biblioteca, o comitê político - organizavam a identidade dos migrantes e dos criollos interligando a vida imediata com as transformações globais que se buscavam na sociedade e no Estado. A leitura e o esporte, a militância e a sociabilidade suburbana uniam-se em uma continuidade utópica com os movimentos políticos nacionais.

O bairro teve início com apenas esses habitantes que construírem suas casas com tijolos cru, telhas e madeira retirada nas matas próximas. Atualmente, o bairro conta com mais de 200 casas, sendo a maioria construída de blocos, madeira cerrada, piso e telha de cerâmica.

Nos primórdios a água que os moradores consumiam era de poço cacimbão. Com a ampliação do número de moradias e a partir da organização dos moradores foi cavado um poço artesiano que garantia mais conforto e segurança durante os períodos de seca. No ano de 1972 em diante a comunidade passou a ser abastecida com água fornecida pela empresa gestora de água e esgoto do Piauí (AGESPISA). Essa água é retirada de um poço tubular que sobe para um reservatório e desce pela adutora para as residências. O detalhe é que essa água não recebe nenhum tipo de tratamento com cloro

ou outros aditivos, porque de acordo com os técnicos da EMBRAPA é fornecida por uma fonte mineral. Caso aconteça algum imprevisto na distribuição de água (motor queimado) a prefeitura abastece as casas com caminhão pipa.

Em relação à energia: A lamparina de querosene e lampião a gás sempre estiveram presentes nas memórias dos moradores. Somente entre 1970 a 1971 chegou a luz elétrica com iluminação pública beneficiando todos os moradores.

Entre as atividades econômicas listadas pelos moradores antigos constam a lavoura, a produção da cana-de-açúcar, mandioca, algodão, milho, feijão, arroz e buriti. Atualmente, o produto predominante é o caju, principalmente a produção da castanha para o comércio local, nacional e até para exportação. Assim, quem não está trabalhando na lavoura, sobrevive do comércio ou é beneficiado com algum tipo de trabalho da rede Municipal ou Estadual. Também é possível identificar pessoas que prestam serviços de transporte entre o bairro Codó e a cidade de Picos¹ a Picos e aposentadoria

No Setor Social e Político, o bairro sempre dependeu totalmente das decisões dos políticos da sede, ou seja, não tinha nenhum representante para reivindicar melhorias para a comunidade. Contudo, as mudanças e o crescimento do bairro agregaram certa força política nas decisões do poder local e determinados políticos passaram a residir no Codó. Também causou transformações o fortalecimento da associação de moradores, grupos de jovens, senhoras que juntas estão sempre buscando realizar os anseios da comunidade. É perceptível o desenvolvimento, pois o Codó se orgulha de ter igreja católica, igreja evangélica, quadra de esporte, praça, mercado e parada de ônibus. As ruas são calçadas quase na totalidade e os moradores são servidos com telefone público.

Quanto à saúde e a educação pode ser visualizado posto de saúde, com médico atendendo duas vezes por semana e uma escola Estadual funcionando em três turnos e ofertando ensino infantil e fundamental I e II. Para valorizar as riquezas e exuberância da natureza está em construção de um parque ambiental. E em atendimento a demanda das mães que precisam trabalhar o município está construindo uma creche para as crianças.

¹ Picos é a cidade polo da região do Vale do rio Guaribas e por conta do serviço de saúde, bancos e comércio recebe diariamente grande fluxo de pessoas. Fato que favorece a atividade de lotação em carros particulares

O bairro também tem problemas de ordem econômica e social. Como pontos negativos podemos citar, por exemplo, a mudança da BR-316, essa importante rota de ligação entre o norte e nordeste passava dentro do Codó, movimentava o comércio local e garantia a existência de pelos menos três hotéis. Além disso, os postos de combustíveis estavam sempre equipados para receber os caminheiros e reabastecer os caminhões. Esse movimento incessante garantia renda as pessoas ligadas ao setor de alimentação, vendas de castanha e aos comerciantes em geral.

Entre os pontos positivos são reconhecidas pela população melhorias na saúde, transporte coletivo, moradia, meios de comunicação, coleta do lixo, limpeza pública, comércio, educação e lazer. No bairro anualmente há o movimento social Caminhada da Paz, criado e ainda hoje organizado pela coordenadora do conselho pastoral comunitário do bairro.

CULTURA RELIGIOSA

O bairro Codó é conhecido pelas festas em homenagem a São João Batista. Todo ano acontecem os festejos católicos em homenagem ao padroeiro do bairro e em seguida os festejos de rua.

A cultura do bairro mudou alguns valores: as pessoas acostumavam brincar de reisado, roda de São Gonçalo, leilão cantoria, cantiga de roda, apresentação de drama, forró com sanfoneiro e histórias contadas no redor da fogueira, e outras. Atualmente, o bairro festeja como tradição há vários anos a festa do padroeiro (São João Batista) com quadrilha e algumas danças folclóricas. Festividades religiosas durante uma semana que reúne pessoas de várias cidades. Esses festivais juninos são comuns na região e partem do princípio da longa tradição de celebrar os santos padroeiros católicos. Aos moldes das “tradições inventadas” os festejos seguem elementos definidos por Hosbsbawm e Ranger ao categorizar os suportes da manutenção dessas práticas em determinados locais e sociedades:

Conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Exatamente nesse “passado histórico” surge o ano de 1986 demarcando a construção da capelinha que hoje marca centro do bairro. Para os moradores a religiosidade demarcada pela presença de sua capela tem sido um sinal de fé a iluminar o caminho de cada homem e mulher em busca da santidade por meio da conversão pessoal.

Com a capela construída faltava adquirir a imagem daquele que seria o seu padroeiro. Acontece, porém, que antes da imagem do santo protetor chegar à comunidade, os seus devotos já haviam celebrado a primeira festa em 25 de junho de 1988, com missa solene presidida pelo Pe. José Albino de Carvalho Mendes, pároco e, concelebrada pelo Pe. Antônio Ferreira Barbosa. A imagem de São João Batista só foi introduzida no regaço acolhedor dos seus devotos no dia 20 de agosto de 1990 quando o Pe. José Albino, auxiliado por Joaquim Barbosa Neto, levaram-na de Ipiranga para a residência de João Gonçalves de Sousa (João Simeão), em Dom Expedito Lopes – PI. Em 26 de agosto de 1990, o hospedeiro reuniu o povo em sua casa e formou-se o cortejo em procissão em direção à capela onde a imagem permaneceria. Transladada oficialmente para o local de culto a imagem de São João Batista foi abençoada pelo pároco em 30 de agosto de 1990.

Protegidos pelo precursor do Messias a comunidade católica do Bairro Codó se revestia de graça e, aos poucos os corações iam se modelando, se ajustando aos apelos do santo: converter e crer. Muitos se sentiram tocados e começaram a participar das atividades religiosas de tal forma que a pequenina capela não mais comportava os seus fiéis. Convencionou-se, portanto, manter o atual espaço como capela do Santíssimo Sacramento, ficando ao seu redor, um salão para as reuniões e as celebrações de culto no ano de 2000. O salão capela foi construído em cima de um terreno doado pela prefeitura municipal de Dom Expedito Lopes – PI, quando o Sr. Francisco Gonçalves dos Santos era o prefeito municipal.

Outras mudanças ocorreram com o tempo e de acordo com as necessidades. Uma delas se destacava pela viabilização de uma reforma em vista de um espaço próprio para os encontros de catequese e reuniões promovidas pela comunidade. Esse espaço ganhou nome de Salão Pastoral e ficou pronto no mês de dezembro de 2012. Assim sendo, o salão capela passou, a partir de então, a ser capela, destinada com exclusividade para as celebrações de cultos. Outros incrementos foram realizados nestes últimos quatro anos: aquisição de 06 caixas de som Franhm e substituição do

amplificador e mesa de som (2010); efetivação de 40 bancos de madeira para a capela (2010); pinturas internas e externas (Igreja, Salão Pastoral e Capela) e, além disso, obtivemos a imagem do Bom Jesus dos Passos, em março de 2013. Estas conquistas são frutos de sensibilidade religiosa e do compromisso de fé assumido pelo dízimo que cada um oferece no altar.

As festividades de São João Batista acontecem no período que vai do novenário à festa, isto é, de 15 a 24 de junho de cada ano. Ali tem quermesses, novenas, missas, missão e muita empolgação que animam o coração e alegam a alma dos fiéis da comunidade expeditense e das comunidades vizinhas.

TRADIÇÃO CULTURAL

A tradição cultural dos festejos juninos do Bairro Codó vem cada vez mais crescendo de uma forma que expõe e incentiva a cultura local, interagindo os indivíduos da sociedade expeditense e de outras culturas fazendo com que a mesma não deixe de existir. Seja por acontecer em junho ou por representar a devoção a São João as festividades juninas ganham destaque no interior do nordeste brasileiro:

Os estudiosos situam as origens das comemorações juninas entre os povos arianos e os romanos, na Europa, na Idade Antiga, desde priscas eras. Naquela época, essas festas eram consideradas como parte dos rituais de celebração da passagem para o verão (inverno no Hemisfério Sul). A população rural promovia as festas para afastar os espíritos maus que provocavam a esterilidade da terra, as pestes nos cereais e as estiagens. No decorrer da Idade Média, a festa foi cristianizada e a Igreja Católica deu-lhe como padroeiros os santos cujas datas hagiográficas localizam-se na época da mudança de estação: Santo Antônio, São João e São Pedro (CAMPOS, 2007).

As danças, quadrilhas e rituais que são produtos dessa cultura, trazem um sentido para a vida das pessoas que participam dos eventos. Esse sentido seria companheirismo, cooperação e valorização das festividades.

Nesse sentido, todo esse movimento cultural trouxe transformações simbólicas e práticas na vida dos moradores. Estes criaram demandas para as gestões municipais que passaram a olhar mais para o município como polo de irradiação de tradições e cultura. Inclusive com a valorização da cultura popular, perceptível no envolvimento familiar diante da religiosidade, característica das populações sertanejas e, por ser parte das tradições, são assim repassadas às futuras gerações. Fato que demonstra certa

valorização da identidade e da coletividade necessária as populações desassistidas pelo poder público.

Identificar o grupo, pois os membros participam de um nós cultural comum, possibilitando uma autoimagem de identidade, promovendo um reconhecer a si mesmo e uma hetero-imagem que significa o como ele é reconhecido enquanto cultura diferencial pelos demais. Quando um grupo não percebe sua identidade, ou sua cultura, isso remete à falta de comunicação interna, levando a possibilidade de ele não ser reconhecido como uma cultura diferencial (BAZTÁN, 1999 apud MARTINS e LEITE).

Dessa forma, os festejos juninos que são realizados anualmente estão vivenciando profundas transformações culturais, econômicas, turísticas e também no campo político direcionando suas potencialidades para o desenvolvimento e a própria sustentabilidade local. E assim, essas manifestações culturais vão ocupando cada vez um espaço maior no cenário local:

[...] As festas mantem com o cotidiano uma relação de licença poética: sem dele esquecerem até porque supõe laboriosos preparativos e meticulosa organização, dele se afastam temporariamente, introduzindo-nos num tempo especial por meio de elaborada linguagem artística e simbólica. Um tempo cíclico, fortemente ligado a experiência vital, cheio de conteúdos cognitivos e afetivos. Um tempo que entrecruza o calendário histórico e traz de volta, a cada ano, as diferentes festas do calendário popular. (CAVALCANTI, 1998).

A festa junina de São João Batistas está sempre inovando mesmo que imperceptíveis e ganhando força no contexto social em estudo. Uma nova roupagem se configura partindo de elementos técnicos que antes não fazia parte até mesmo no sentido cultural. Com a evolução tecnológica novos instrumentos foram passando a fazer parte da identidade cultural e ganhando novos ritmos nas musicalidades das missas e também das danças que acontecem no período festivo.

FESTEJOS DE RUA

Nos primeiros anos os festejos do Codó despertavam a atenção e o trabalho apenas dos moradores do bairro e vizinhança e as festas profanas (ditas festas de rua) aconteciam durante o novenário. Com o passar dos anos o Pe. José Albino de Carvalho Mendes proibiu que os festejos de rua acontecessem no período das novenas, para que religioso e profano tivessem uma convivência pacífica e respeitosa. Tendo em vista que acabar com as festas não religiosas comprometia a economia local.

Os moradores do bairro entendem a necessidade de movimentar setores da economia local e por conta disso mantêm uma relação de cordialidade com a festa profana. Estas passam a fazer parte necessária das atividades e são aguardadas e são aguardadas com igual intensidade:

Explicitemos esta leitura das manifestações culturais do povo brasileiro, como por exemplo o carnaval, a festa das festas, que muitos aguardam e se preparam o ano inteiro para o seu acontecimento. O carnaval, por sua estrutura e importância, tem uma relação muito íntima com o sagrado. Para alguns, essa afirmativa pode não ter muito sentido, mas, ao analisarmos a função das festas, que pela sua estrutura aparentemente está mais ligada aos aspectos ditos profanos da nossa existência e, portanto, para alguns pode representar a manifestação do mal, veremos sua grande importância na vida dos homens e das próprias tradições religiosas. Entender a importância da festa a partir da perspectiva do sagrado nos remete à discussão doutrinal presente na teologia das grandes tradições religiosas sobre a existência (ALVES e JUNQUEIRA, 2009).

Nesse sentido, terminados os festejos religiosos, no final do mês de junho, acontecem os três dias de festas de rua nos quais são apresentadas quadrilhas, os artistas da terra e shows com bandas de estilos musicais variados. Com maior destaque para as bandas de forró que na região atraem grande público.

Contudo, o auge das apresentações que acontecem nos festejos fica por conta das quadrilhas juninas. Estas representam a alegria pela boa colheita ou mesmo que a colheita não seja das melhores é o momento de renovar as esperanças para os próximos anos.

Entre as apresentações existe uma que chama bastante atenção dos frequentadores da festa. É a famosa quadrilha “As Virgens de Inverno”. Nessa agremiação os homens se vestem de mulher e as mulheres se vestem de homem arrancando risos do público.

Segundo Antônio Eduardo Gonçalves da Silva (23 anos), foi muito bom ter participado da quadrilha As Virgens de Inverno durante dois anos. Para o brincante é um grupo diferenciado e particularmente jocoso, pois ao contrário das outras quadrilhas não há a necessidade do respeito irrestrito as regras da quadrilha tradicional. Tudo começa pela inversão de papéis, pois os homens se vestem de mulher e as mulheres são trajadas com as vestes masculinas. As roupas utilizadas pelos integrantes geralmente são roupas fantasias como: enfermeira, piriguete, policial e os ornamentos são com objetos

característicos de cada personagem. Os participantes da quadrilha são geralmente pessoas da própria localidade que se sentem satisfeito em participar de tal evento.

Outro marcante momento é a apresentação da dança portuguesa. De acordo com a Aline Alves de Oliveira (24 anos), existe grande enfoque na dança portuguesa na cultura da região. Essa dança é como um resgate na memória dos moradores e recebe incentivo de João José Rodrigues de Castro, conhecido como Joãozinho, que foi o introdutor dessa dança na cidade. As apresentações do grupo de dança vêm abrillantando várias quermesses das escolas e igrejas de Dom Expedito Lopes. Aline Alves de Oliveira pratica essa modalidade de dança a três anos e se sente muito revigorada a cada apresentação.

É uma festividade bastante conhecida que reúne várias pessoas de cidades vizinhas e até de outros estados. Em todo espaço festivo encontra-se o arraial que fica localizado na quadra de esportes, barracas com comidas típicas, bebidas, um parque para as crianças, uma praça e uma danceteria. Na avaliação dos frequentadores, em geral os visitantes ficam durante todos os dias de festas, os festejos do Codó são diversificados e prazeroso de se conhecer. Mesmo com o uso das novas tecnologias, o forró pé-de-serra é considerado uma atração fundamental na diversidade de danças que acontecem nas noites de São João.

NARRADORES DO CODÓ: AQUI TAMBÉM TEM MEMÓRIAS

De acordo com a coordenadora do Conselho Pastoral Comunitário do Bairro Codó, Maria do Amparo Araújo (50 anos), os festejos juninos iniciaram-se com pequenos novenários na residência de Ana Baiana. Só em 1986 a comunidade sentiu a necessidade de construir a capelinha com o pensamento de manter os fiéis unidos em torno do padroeiro São João Batista.

São João Batista nasceu milagrosamente em Aim Karim, cidade de Israel que fica a 6 quilômetros do centro de Jerusalém. Seu pai era um sacerdote do templo de Jerusalém chamado Zacarias. Sua mãe foi Santa Isabel, que era prima de Maria Mãe de Jesus. São João Batista foi consagrado a Deus desde o ventre materno. Em sua missão de adulto, ele pregou a conversão e o arrependimento dos pecados manifestos

através do batismo. João batizava o povo. Daí o nome João Batista, ou seja, João, aquele que batiza.²

De acordo com essa moradora o Padroeiro é “muito forte que tem nos ajudado muito, foi enviado por Deus para ser precursor e batizador de Cristo, guerreiro que era visto como homem sem medo de falar a verdade e foi morto pelo rei Herodes a pedido de sua enteada Afrodite, seu tema mais conhecido é”: “Eis o cordeiro de Deus, aquele que vem em nome do senhor”.

A capelinha foi construída em base de mutirão, a primeira missa celebrada foi em 25 de junho de 1988, pelo então Pe. Albino, ajudado pelo Pe. Toinho. Só no ano seguinte o Pe. Albino oficializou o período de 15 a 24 de junho com festividades do padroeiro e assim vem acontecendo até os dias atuais. Com o passar do tempo a capela foi ficando pequena para aglomerar tantos fiéis, então foi construído o Salão Paroquial.

A capelinha é usada para adorar o Santíssimo Sacramento. Com a chegada do Pe. Sebastião foi sugerido que fosse feito um local para a catequese para começar a evangelizar a comunidade desde cedo.

Para Maria do Amparo a religiosidade causa sentimento de orgulho e alegria, pois “nos sentimos muito felizes porque nossa comunidade é pautada de muita fé. E é neste clima de fé que o festejo vem aumentando a cada geração”. No ano de 2015 foi comemorado o Jubileu de Prata, 25 anos de Evangelização e a cada noite a capela recebe um maior número de fiéis. Sendo que no dia 24 de junho acontece a grande missa realizada na quadra Poli Esportiva, pois, a capela não tem espaço para suportar tantos fiéis. Neste dia muitas pessoas vestem-se de bata marrom em promessa de votos alcançados por devoção a São João Batista. A alegria também fica por conta do dizimo arrecadado pela igreja, sendo que o valor chega de cerca de 3 mil reais mensais.

O senhor Hidelbrando Gonçalves de Sousa (52) é o organizador dos eventos do Codó e ressalta que sob a influência dos senhores Chiquinho de Zeca, Ábias e Louro Borges os festejos vão se ampliando e incorporam as danças folclóricas. Sem grande estrutura e sem qualquer incentivo público os ensaios eram realizados em uma pequena escola do bairro e os instrumentos utilizados na época, tanto nos ensaios como na festividade, eram uma radiola e discos antigos.

² <http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-joao-batista/145/102/>

Com o tempo e com os comerciantes vendo que era possível ampliar seus negócios as quadrilhas foram recebendo influências das sanfonas. São ainda hoje lembrando os sanfoneiros Celso Malu e Messias do Brejo. Nesta época foi criada uma palhoça na qual aconteciam as festividades e eram conhecidas com o nome de Hiaty Club. O referido espaço festivo foi construído em 1981 no local onde, atualmente, se encontra a Capela de São João Batista.

Por volta dos anos de 1985 e 1986, sob a coordenação do senhor Irismar e do Hiaty Club, foi trazida de Campina Grande-PB a quadrilha conhecida pelo nome de "As Virgens de Inverno" para dar maior incentivo aos grupos locais e ensinar passos mais elaborados que pudessem atrair novos admiradores para o festival.

Entre os objetivos também do Hiaty Club, juntamente com a barraca do Netão, era o de arrecadar dinheiro para a construção da capela em homenagem a São João Batista. A iniciativa alcançou êxito e finalmente em 1988 foi construída a capela. A partir de 1990 Hideubrando começa a organizar sozinho o festejo e as apresentações culturais ocuparam uma rua calçada, sendo que as laterais não tinham calçamento. Essa é uma realidade do bairro e as barracas dos comerciantes, feitas de palha e lona, ficavam desordenadas exatamente nas ruas em calçamento.

DINÂMICA DA FESTA E QUESTÕES LOCAIS

O senhor Hidelbrando ao perceber que seus esforços tinham relevância e atendiam a dinâmica do comércio local começa a recorrer aos políticos do município. Primeiro recebe o apoio de um vereador que ajudou com o cimento para fazer o piso onde seriam realizadas as quadrilhas. Tempos depois os prefeitos do município passam a olhar com mais efetividade para o bairro Codó e assim o calçamento onde ficam as barracas e a quadra foram construídas. A partir de 2004 o organizador do evento passa a contar sistematicamente com o apoio do poder público e a comunidade percebe certa valorização da cultura local.

No ano de 2011 as mudanças na gestão municipal causaram empecilhos à realização dos eventos juninos e seu organizador mais entusiasta acabou se afastando. Em 2012 ele não participa mais afetivamente dos festejos, retornando somente no ano

de 2013, retorna à organização. Ele relata também que esse ano foi a primeira vez que o Pe. Sebastião realiza uma missa, na quadra abençoando o local.

Importa notar essa preocupação da população pela sagração dos locais. Esse é um traço marcante do catolicismo popular presente no sertão brasileiro, sempre marcado pela presença messiânica, pelos amuletos, oratórios e as orações aos santos pradroeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Festejos Juninos do Bairro Codó configuram-se como um processo tradicional contínuo de interesse social, comercial e marcante da cultura local. Para a comunidade estudantil pode ser um interessante espaço de produção de conhecimentos acerca da formação étnico-cultural do município de Dom Expedito Lopes e manifestação marcada por traços de memória e identidade de uma população do semiárido brasileiro.

Diante de tudo que foi exposto anteriormente, e principalmente da vivência dos colaboradores/entrevistados, pode-se concluir que é de suma importância o envolvimento com as práticas e simbolismos da cultura local. Fator determinante para que o respeito aos indivíduos possa ser parte da ação do poder público e da sociedade em geral.

Nesse sentido, a valorização vem através da religiosidade, do coletivismo, mas também do evento cultural que acontece anualmente no Codó. E tais festejos passam a contribuir para o fluxo de turistas no município e para a ampliação da sociabilidade entre indivíduos próximos territorialmente, mas distantes pelas obrigações do trabalho e pelas durezas da vivências no semiárido brasileiro. Contudo, mesmo diante das dificuldades parentes próximos e distantes aproveitam a época das festas, marcada pela religiosidade e pela diversão, para visitar parentes, amigos e curtir a tradicional festa.

FONTES

<http://180graus.com/piaui/os-boca-preta-brigam-com-os-rabo-fino-por-prefeitura-no-piaui-20276.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dom_Expedito_Lopes. Acesso: 06/07/2013.

Livro Jubileu de Prata de Evangelização e Missão. Coletânea de dados: Maria do Socorro Pinheiro, Maria do Ampara Araújo e Luís Leal de Moura. Redação do Texto: Pe. Sebastião Fco. Dos Santos.

Entrevista: Maria do Ampara Araújo (50 anos) – Coordenadora do Conselho Pastoral Comunitário do Bairro Codó. No dia 29/06/2013 as 16:00h em Dom Expedito Lopes – PI.

Entrevista: Hidelbrando Gonçalves de Sousa (52 anos) organizador dos festejos de rua do Bairro Codó no dia 30/06/2013 as 8:30h em Dom Expedito Lopes – PI.

Entrevista: Aline Alves de Oliveira (24 anos) – Integrante da Dança Portuguesa. No dia 29/06/2013 as 20:15h em Dom Expedito Lopes – PI.

Entrevista: Antônio Eduardo Gonçalves da Silva (23 anos) – Integrante da quadrilha “As Virgens de Inverno”. No dia 30/06/2013 as 21:00h em Dom Expedito Lopes – PI.

MIRANDA, Ana. A grande seca de 1877. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2013/03/09/noticiasanamiranda,3018832/a-grande-seca-de-1877.shtml>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Alberto Sousa, JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. As festas religiosas, o profano no sagrado: formação dos professores. In: Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 2, p. 435-442, jul./dez. 2009.

CAMPOS, Judas Tadeu de. Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007. Disponível em :<<http://www.cedes.unicamp.br>>

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MARTINS, José Clerton de Oliveira; Leite Liliana. Pagando promessa, buscando esperança - percepções sobre a romaria e religiosidade popular. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/3/30/GT6-003-Pagando_promessa-Clerton.pdf

MOREIRA, H.; CALEFFE, L.G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOUZA, Márcio de; WEFFORT, Francisco. Um olhar sobre a cultura brasileira. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. As grandes festas. Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. In: Revista Brasileira de História. ANPUH: São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 341-364 2002

Aduino Neto Fonseca Duque

Mestre em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
